

Evidenciais e ponto de vista em uma narrativa wa'ikhana (tukano oriental)

Perspective and Evidentials in a Wa'ikhana (Tukano Oriental) Narrative

Bruna Cezario *

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Lilian Ferrari *

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

11

RESUMO: Este artigo analisa, sob a ótica da Linguística Cognitiva, o papel dos evidenciais em uma narrativa oral da língua Wa'ikhana (Tukano Oriental). Tendo em vista que a evidencialidade é uma categoria gramatical que indica fonte de informação, que é gramaticalizada obrigatoriamente nas línguas Tukano Oriental, e em Wa'ikhana em particular, os resultados da pesquisa indicam que a escolha de diferentes categorias evidenciais em narrativas da língua reflete estratégias de sinalização de ponto de vista, associadas aos diferentes conceptualizadores envolvidos no evento narrativo: o falante/narrador, o observador virtual e os personagens.

PALAVRAS-CHAVE: Evidencialidade. Ponto de Vista. Línguas Tukano Oriental. Wa'ikhana. Narrativa. Espaços Mentais. Linguística Cognitiva.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the role of the evidentials in a Wa'ikhana oral narrative, using a Cognitivist approach. Evidentiality is a grammatical category that indicates

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Bolsista do CNPq.

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

source of information and that is grammaticalized and obligatory in Eastern Tukanoan languages. The results showed that in Wa'ikhana, particularly, different uses of evidential categories in a narrative indicated different viewpoint marking, related to the conceptualizers involved in the narrative event - the speaker/narrator, the virtual observer and the characters.

KEYWORDS: Evidentiality. Viewpoint. Eastern Tukanoan languages. Wa'ikhana. Narrative. Mental Spaces. Cognitive Linguistics.

Introdução

A questão da sinalização de ponto de vista na linguagem tem atraído, cada vez mais, a atenção de estudiosos atrelados à Linguística Cognitiva. Embora esses trabalhos possam partir de diferentes bancos de dados e adotar metodologias distintas, o que os une é o reconhecimento comum do papel intrínseco do ponto de vista na cognição humana e na linguagem. Como se pode atestar na coletânea sobre o assunto organizada por Dancygier e Sweetser (2012), várias pesquisas têm se debruçado sobre marcas gramaticais de pontos de vista narrativos (NIKIFORIDOU, 2012; VANDELANOTTE, 2012). O que essas pesquisas ressaltam é que os recursos linguísticos utilizados podem permitir que o falante apresente a sua própria perspectiva sobre um evento, a perspectiva de outros, ou ainda, mesclar perspectivas distintas.

Esses diferentes recursos têm sido caracterizados na literatura como estratégias de evidencialidade, já que a evidencialidade é reconhecida como uma categoria gramatical cuja semântica básica é indicar a fonte de informação de uma declaração (AIKHENVALD, 2004, p. 1). Em algumas línguas do mundo, essa fonte de informação deve ser codificada por elementos gramaticais, que constituem complexos sistemas de evidenciais (STENZEL; GOMEZ-IMBERT, 2018, p. 357).

Neste artigo, analisaremos uma dessas línguas, o Wa'ikhana¹, também conhecido como Piratapuya, enfocando a relação entre o uso de categorias de evidenciais e marcação de pontos de vista, em um trecho de uma narrativa oral². Tendo em vista que, em uma narrativa, a realidade é construída por meio de um processo de negociação de diferentes pontos de vista (DANCYGIER, 2012, p. 183), serão enfocados três pontos de vista - o ponto de vista do falante, o ponto de vista do narrador e o ponto de vista dos personagens -, bem como mudanças de ponto de vista no decorrer da narrativa.

Assim como muitas línguas indígenas, Wa'ikhana é uma língua ainda pouco descrita e analisada e com grande risco de desaparecimento. Este trabalho, portanto, pretende analisar pela primeira vez um fenômeno na língua sob a perspectiva cognitivista. Desse modo, esta análise se propõe não apenas a ser uma contribuição para os estudos sobre língua Wa'ikhana, línguas da família Tukano Oriental e evidencialidade em geral, mas também para os estudos em Linguística Cognitiva, ao trabalhar com um tipo de dado pouco investigado nessa área.

Este artigo está organizado em três seções principais. Primeiramente, apresentamos trabalhos sobre a noção de ponto de vista, sob a ótica da Linguística Cognitiva, que foram fundamentais para esta análise. Mais precisamente, abordamos as propostas de Krieken, Sanders e Hoeken (2016), Jarque & Pascual (2016) e Lu & Verhagen (2016) sobre textos narrativos e pontos de vista. A metodologia utilizada e a amostra da língua de onde os dados foram coletados serão descritas em seguida. Em especial, apresentamos um breve resumo sobre os evidenciais em Wa'ikhana, no qual destacamos a forma e a função de cada evidencial. Por fim, apresentamos a análise de um

¹ A língua Wa'ikhana, também conhecida como Piratapuya, é uma língua da família Tukano Oriental, falada na região do Alto Rio Negro, no Brasil e na Colômbia.

² Este material se baseia em uma pesquisa financiada pela National Science Foundation, Grant No. BCS-1664348. Agradecemos também o apoio da CAPES e do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

trecho narrativo em Wa'ikhana, destacando que o uso dos evidenciais está intimamente ligado ao ponto de vista que está em foco.

Narrativas e Pontos de Vista sob a ótica da Linguística Cognitiva

Para analisar os diferentes pontos de vista em parte de uma narrativa oral, baseamo-nos em trabalhos que seguem os princípios da Linguística Cognitiva e, mais especificamente, da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; FAUCONNIER; SWEETSER, 1996). Essa teoria postula que espaços mentais são construídos à medida que o discurso é desenvolvido. “Tais espaços são domínios conceptuais que contêm representações parciais de entidades e relações em um cenário percebido, imaginado ou lembrado” (FERRARI, 2011, p. 109).

Em “Blended viewpoints, mediated witnesses: a cognitive linguistic approach to news narratives”, Krieken, Sanders e Hoeken (2016) apresentam uma análise sobre pontos de vista mesclados e mediados em narrativas jornalísticas, com base no modelo dos espaços mentais. Analisam-se duas reportagens sobre dois tiroteios em massa, um que ocorreu na Holanda e outro nos Estados Unidos, mostrando as estratégias linguísticas em holandês e em inglês utilizadas para mesclar o ponto de vista do jornalista e das testemunhas, bem como a função do discurso reportado nesse tipo de narrativa.

No trabalho supracitado (KRIEKEN, SANDERS e HOEKEN, 2016, p. 148), os autores afirmam que, em qualquer situação comunicativa, o Espaço Base é o ponto de vista do falante. A partir desse espaço, outros espaços encaixados são abertos por elementos linguísticos denominados *space builders*. Em um discurso narrativo, o primeiro espaço mental encaixado é o Espaço da Narrativa, no qual todos os eventos da história acontecem. A distância conceptual entre o espaço base e o espaço narrativo varia entre as histórias e dentro das histórias, dependendo da escolha da pessoa gramatical (primeira

ou terceira), do tempo verbal (presente ou passado) e dos pontos de vista apresentados (de apenas um personagem ou de vários personagens). A negociação dos pontos de vista em uma narrativa está relacionada à distância entre o Espaço da Narrativa e o Espaço Base. Encaixados ao Espaço da Narrativa, estariam os Espaços dos Episódios da notícia jornalística, aos quais estariam encaixados os Espaços do Ponto de Vista da fonte (as testemunhas).

No presente artigo, como mencionamos anteriormente, analisaremos parte de uma narrativa oral Wa'ikhana. A história enfoca um velho Pajé que é amaldiçoado por um Curupira. Apesar de ter um caráter “tradicional”, por se tratar de uma história de Curupira, o falante cita personagens que ele conhece ou conheceu na vida real. De qualquer forma, ao contrário de uma narrativa jornalística, não há testemunhas nem um compromisso em comprovar a veracidade dos fatos. Desse modo, na presente análise, o modelo apresentado por Krieken *at al.* (2016) foi adaptado. Temos o Espaço Base, que é a situação de fala; há o Espaço da Narrativa, que está encaixado à Base; e Espaços dos Pontos de Vista dos personagens, que estão encaixados ao Espaço da Narrativa.

Jarque & Pascual (2016, p. 273), em uma análise sobre o discurso reportado factual e fictivo em narrativas na língua de sinais Catalã, afirmam que a função dos evidenciais é relevante nas narrativas, uma vez que são elementos dêiticos de natureza discreta. Os autores argumentam que evidenciais expressam o ponto de vista do falante e dependem do contexto do enunciado, da relação do falante com o interlocutor e da cena conceptualizada, incluindo personagens da narrativa. A evidencialidade, portanto, seria de alta importância para caracterização de pontos de vista mesclados, pois permite que o falante guie o interlocutor na interpretação dos eventos, dependendo da sua fonte de informação.

Lu & Verhagen (2016, p. 173), em sua análise sobre ponto de vista em Alice no País das Maravilhas, mostra que na fala do narrador há elementos que são, na verdade, o ponto de vista da Alice. Este tipo de recurso é comum em textos narrativos em línguas como inglês e português. Podemos encontrar na fala do narrador, por exemplo, dêiticos que se refiram ao ponto de vista de um personagem, como ‘agora’ ou ‘hoje’, mesmo quando a narrativa é em terceira pessoa. Lu & Verhagen (2016, p. 172) comentam sobre o uso de *but* no início de *Alice no País das Maravilhas*: “*once or twice she had peeped into the book her sister was reading, but it had no pictures or conversations in it*”.³ A conjunção mostra que há uma mescla entre o ponto de vista do narrador e o da Alice, pois a expectativa frustrada do livro ter figuras era da personagem. Na presente análise, mostraremos casos em que o ponto de vista do falante e o ponto de vista do narrador estão mesclados e como o uso dos evidenciais influencia nessa marcação.

Metodologia

Este trabalho consiste em uma análise qualitativa de parte de uma narrativa (cinco minutos de um total de aproximadamente quinze), que faz parte do ACERVO LINGUÍSTICO-CULTURAL DO POVO WA’IKHANA⁴. A gravação foi feita em 2006 na cidade do Iauaretê, no Amazonas, pela coordenadora do projeto de documentação da língua Wa’ikhana, Dra. Kristine Stenzel.

A língua Wa’ikhana, assim como todas as línguas da família Tukano, tem evidencialidade como uma categoria gramatical obrigatória. Em aproximadamente um quarto das línguas do mundo (AIKHENVALD, 2004, p. 1), existem elementos gramaticais obrigatórios - evidenciais - que marcam a

³ Em português: “uma ou duas vezes ela espiou o livro que sua irmã estava lendo, mas o livro não tinha gravuras ou conversações”.

⁴ Disponível no ELAR (SOAS, University of London) <<https://elar.soas.ac.uk/Collection/MPI944429>>.

fonte de informação nas declarações. Portanto, dependendo de como o falante adquiriu a informação declarada (se ele viu, se lhe contaram, se ele inferiu etc.), haverá um marcador diferente.

Os evidenciais nas línguas da família Tukano Oriental são geralmente sufixos verbais e fazem parte do paradigma de modalidade da cláusula (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018, p. 362-363). Nessas línguas, a palavra verbal finita tem um paradigma específico com subcategorias de morfemas que indicam os diferentes tipos de cláusulas (STENZEL, 2008, p. 408). Os evidenciais ocorrem nas sentenças do modo *realis*.

Cezario (2019, p. 75) classifica os evidenciais da língua Wa'ikhana em quatro categorias semânticas, levando em conta os critérios de Aikhenvald (2004, 2018), como podemos ver no quadro (1). Apresentaremos, nesta seção, algumas características semânticas básicas de cada categoria evidencial que serão relevantes para nossa análise, como resumido no quadro a seguir:

VISUAL				INFERENCIAL	PRESUMIDO		REPORTADO	
1P		2/3P		-di ihi-vis				
PFV	IPFV	PFV	IPFV		SUPOSTO	INTERNALIZADO	PRÓXIMO	DISTANTE
-i/ ʰ	- aha	-di	-de		-aya	-aga	--yo'ti	-aye
						--yoga ⁵		

Quadro 1: Os evidenciais em Wa'ikhana (CEZARIO, 2019, p. 75).

A categoria VISUAL é aquela indica que o evento ou estado declarado foi visto e/ou experienciado pelo falante, ou seja, que a fonte de informação da declaração é direta e de primeira mão (STENZEL & GOMEZ-IMBERT, 2018:

⁵ Forma que não é mais usada, citada por WALTZ (2012).

364). Os evidenciais da categoria VISUAL são os únicos que também indicam pessoa (primeira pessoa ou não primeira pessoa) e aspecto⁶.

O evidencial INFERENCIAL é o único na língua que consiste em uma construção sintática [Verbo-*di*_{nmlz} [COP-VIS]]_{vp}⁷ e não em um sufixo verbal. Esta categoria “indica que a fonte da informação sobre um evento declarado é uma conclusão a partir de uma constatação visual dos resultados do evento. Portanto, o falante não teve acesso visual *direto* (como participante ou testemunho presencial) ao evento, e sim a seus resultados, que lhe permitem inferir o evento” (CEZARIO; BALYKOVA; STENZEL, 2018, p. 217).

Os evidenciais da categoria PRESUMIDO indicam que a informação declarada não é baseada em uma fonte observável externa (AIKHENVALD, 2018, p. 12), ou seja, a informação foi internalizada de alguma forma. Portanto, a fonte de informação pode ser uma conclusão lógica, uma suposição, uma experiência prévia ou um conhecimento compartilhado. O evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga* também pode se referir a sensações corpóreas como dor e fome ou sentimentos (CEZARIO, 2019, p. 92). Em Wa’ikhana, como podemos ver no quadro acima, há dois tipos de evidenciais presumidos; porém, nos dados analisados neste trabalho, apenas o PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga* foi encontrado.

A categoria REPORTADO indica que a fonte de informação não é de primeira-mão, ou seja, foi adquirida por meio de *outrem*. Há dois evidenciais reportados nessa língua - REPORTADO PRÓXIMO *--yo’ti* e REPORTADO DISTANTE *-aye*. O

⁶ O aspecto indicado pelos evidenciais VISUAIS não está relacionado ao aspecto do evento declarado; é um traço gramatical do próprio evidencial, que indica o acesso do falante a fonte de informação do evento declarado. Evidenciais no aspecto perfectivo indicariam que o falante não tem mais acesso cognitivo à fonte de informação do evento declarado, e evidenciais no aspecto imperfectivo indicariam que o falante ainda tem acesso cognitivo a essa fonte de informação (STENZEL, 2008: 413).

⁷ O evidencial inferencial consiste em uma construção sintática, na qual o verbo semanticamente pleno é nominalizado pelo sufixo *-di* e é seguido por uma cópula flexionada por um evidencial visual. A construção verbo nominalizado + cópula com evidencial visual forma o evidencial inferencial (CEZARIO; BALYKOVA; STENZEL, 2018; CEZARIO, 2019).

REPORTADO PRÓXIMO é utilizado quando o falante recebeu a informação de uma fonte recuperável, ou seja, “embora quem tenha reportado a informação ao falante não seja [necessariamente] alguém específico, de certa forma essa pessoa ou pessoas ainda podem ser retomados, ou seja, alguém existente na realidade no falante” (CEZARIO, 2019, p. 97). Já o REPORTADO DISTANTE é majoritariamente utilizado em narrativas cuja fonte original não é mais recuperável, normalmente história tradicionais ou mitológicas.

A narrativa, contada pelo Wa'ikhana Jacinto Cruz, é a história de um velho Pajé que, a pedido do filho, Livino Oliveira, vai até um igarapé ver se o local já estava propício para jogar timbó (fazer um tipo de pesca com veneno). No caminho, ele se depara com um velho conhecido chamado Guilherme, que o convida para ir à sua casa beber e comer. O conhecido, na verdade, como nos conta o narrador, era um Curupira disfarçado. Preocupado com o sumiço do pai, o filho Livino vai procurar o velho e o encontra no caminho já voltando para casa, depois de ter bebido e comido muito na casa do suposto conhecido. Já em casa, o velho percebe que foi amaldiçoado e precisa fazer um benzimento contra o Curupira.

19

Foram utilizados dois softwares - o ELAN e o FLEx⁸- para auxiliar na análise dos dados. No ELAN, inserimos o vídeo, o áudio, a transcrição e a tradução, que estavam no acervo de dados Wa'ikhana. No FLEx, fizemos a análise interlinear da narrativa, com o objetivo de classificar e destacar a função de cada morfema. Grande parte da análise interlinear da narrativa *O pajé e o curupira* foi feita durante uma viagem de campo para cidade de São Gabriel da Cachoeira, em maio de 2018. Nessa viagem, pudemos checar a transcrição, investigar significados de palavras e morfemas e chegar a maiores conclusões sobre a língua de um modo geral.

⁸ ELAN e FLEx podem ser encontrados respectivamente em < <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>> e < <https://software.sil.org/fieldworks/>>.

Para ilustrar o uso dos evidenciais, consideremos as sentenças a seguir. Em (a), temos um evidencial VISUAL afixado à cópula *ihí*, e, em (b), há um evidencial REPORTADO, afixado a uma construção de verbo serial, que significa ‘boiar por um tempo/boiando’:⁹

(a) *tipenaha, kʰma ihidi*

<i>ti-pe--daha</i>	<i>~kʰb</i>	<i>ihí-di</i>
	<i>a</i>	
ANPH-CLF.TEMPO/HORA-EMPH	verão	COP-
		VIS.PFV.2/3

‘Naquele tempo, era verão. (Eu vi).’

(b) *ti tʰkʰnogã pa'saduhkuaye bʰkʰdo*

<i>ti</i>	<i>tʰkʰ-do--ga</i>	<i>pa'asa-duku-aye</i>	<i>bʰkʰ-do</i>
ANPH	enseada-SG-DIM	boiar-ficar.em.pé-REP:DIST	velho-SG

‘(N)aquela pequena enseada, um velho estava boiando (sentado dentro da canoa). (Contaram-me).’

20

A partir de trabalhos sobre pontos de vista em narrativas, como aqueles citados na seção anterior, consideramos nesta análise que os evidenciais desempenham um papel fundamental na marcação dos diferentes pontos de vista na narrativa. Nossa hipótese é a de que no Espaço Base, onde teríamos o ponto de vista do falante, os evidenciais seriam em sua maior parte dêíticos, como o VISUAL ou o INFERENCIAL, ou aqueles que indicam uma fonte de informação internalizada, como os da categoria PRESUMIDO, pois estariam diretamente relacionados ao falante e à situação em que ele se encontra. Já no Espaço Narrativo, teríamos o ponto de vista do narrador, ou seja, da voz

⁹ Os dados são apresentados em formato interlinear com linhas representando: 1. Forma ortográfica; 2. forma morfológica subjacente com segmentação e algumas informações fonológicas: os morfemas inerentemente nasais são precedidos por ~; 3. Linha de glosas correspondentes a cada morfema da linha 2 (a lista de abreviações das glosas não-padrão encontra-se no fim do artigo); 4-5. Traduções livres em português e inglês.

narrativa onipresente dos fatos narrados. O falante, portanto, indicaria por meios linguísticos que está no espaço da história.

Como a narrativa analisada não foi experienciada pelo falante, mas é uma história sobre certos personagens, a fala do narrador seria marcada majoritariamente pelo evidencial REPORTADO DISTANTE -*aye*. O ponto de vista dos personagens, por outro lado, seria marcado pelo discurso direto. Dentro da fala citada de cada personagem, o uso dos evidenciais vai variar conforme o ponto de vista dos próprios personagens.

Análise

Modelo de análise da narrativa Wa'ikhana

A análise da narrativa Wa'ikhana evidencia que a negociação de pontos de vista pode ser bastante complexa. Embora o Espaço Base represente o aqui-e-agora do “mundo real” e, portanto, o ponto de vista do falante/narrador, esse último não é o autor da narrativa. Além disso, o conteúdo do Espaço Narrativo não é factualmente verdadeiro, já que se trata de uma história ficcional. Com relação à configuração de espaços, o Espaço Narrativo é encaixado no Espaço Base, e há espaços de Episódio sucessivos, que são encaixados no Espaço Narrativo. A configuração básica de espaços pode ser descrita na Figura 1:

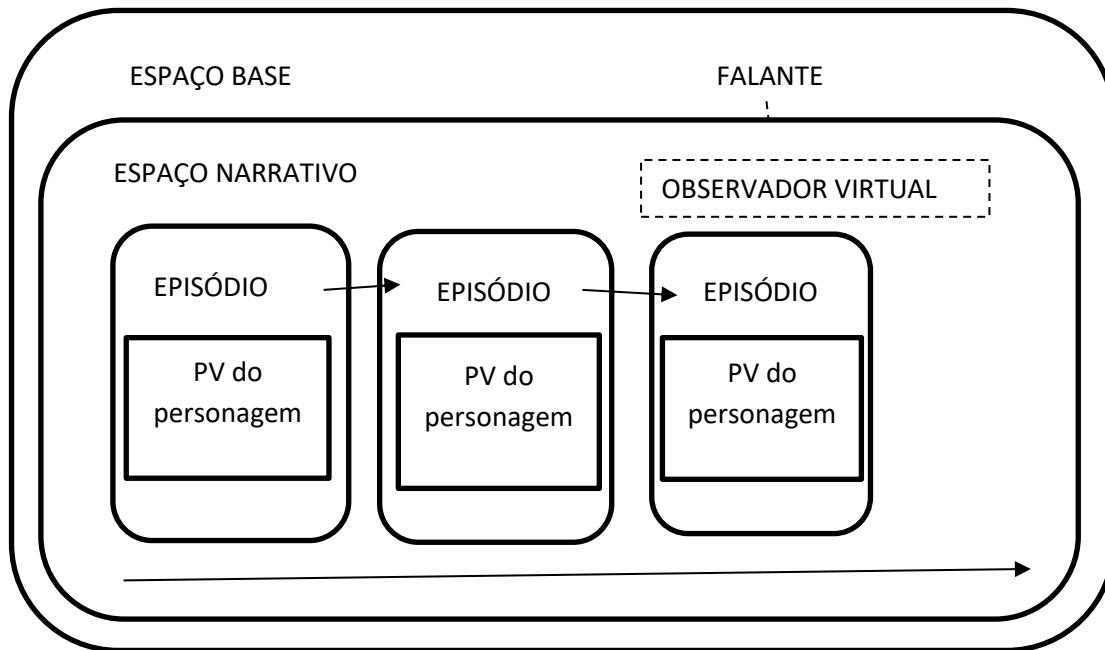


Figura 1 - Configuração de espaços narrativos em Wa'ikhana

A Figura 1 indica que o Espaço Narrativo pode abrigar tanto o ponto de vista de um Observador Virtual quanto o ponto de vista dos personagens. O Observador Virtual constitui uma projeção do falante/narrador no Espaço da Narrativa. Como ficará claro mais adiante, a presença do Observador Virtual no Espaço Narrativo permite que o narrador se coloque, em determinados momentos, como uma testemunha dos sucessivos episódios narrativos.

Análise da narrativa

A gravação *O pajé e o curupira*, assim como outras narrativas Wa'ikhana coletadas (cf. STENZEL; CEZARIO, 2019), é iniciada com uma apresentação do falante, informando a data, o local de gravação e o seu nome. Como mencionado anteriormente, a narrativa foi gravada na comunidade indígena do Iauaretê, no Amazonas, pela coordenadora do projeto. No local, havia outras pessoas ouvindo a história.

(1a) *miedole mʉsane mia sábado, dia 26 ihigũle*

~bie-do-de ~busa- ~bi sábad dia 2 ihi--gu-de
de a o 6
 agora-SG- 2PL-OBJ hoj COP-SWRF-OBJ
 OBJ e
 ‘Agora, para vocês, hoje sábado, dia 26.’

(1b) *yʰʰ, Jacinto Cruz, mʰhsale yʰʰ yaʷudʰaga*

yʰʰ Jacinto Cruz ~busa-de yʰʰ yaʷu-dʰa-aga
 1SG 2PL-OBJ 1SG falar/contar-DES-PRES:INTER
 ‘Eu, Jacinto Cruz, desejo contar (a história) para vocês.’

A fala de Jacinto Cruz, o informante da gravação, refere-se ao momento do evento de fala, a situação em que eles se encontram, em (1a), e sobre dados pessoais, em (1b). Portanto, nesse momento, o discurso está no Espaço Base, ou seja, na situação de fala. Logo, como afirmam Krieken *et al.* (2016: 148), o ponto de vista é o do falante.

O primeiro evidencial que ocorre na gravação, como podemos ver em (1b), é um evidencial PRESUMIDO, afixado ao verbo *yaʷu* ‘contar’ com o desiderativo *-dʰa*. O falante, nesse momento, está comentando sobre o que ele deseja/vai fazer: contar a história para as pessoas que estão ali. O evidencial PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga*, como visto anteriormente, se refere a uma fonte de informação que foi internalizada de alguma maneira. O uso do PRESUMIDO INTERNALIZADO *-aga*, nesse contexto, está relacionado ao ponto de vista do falante, uma vez que está num contexto que expressa sentimento/vontade.

No trecho, a seguir, apresentamos um evidencial externo e direto:

(2a) *niʰkano saawaʰali, ti aʰli kihtigã*

~diʰka-do saa-waʰa-di ti aʰri kiti--ga
 acontecer- fazer/ser.assim-ir- ANPH DEM.PROX história-
 SG VIS.PFV.2/3 DIM
 ‘Aconteceu assim, esta pequena história. [Lit: O acontecido se sucedeu assim, esta pequena história.]’

(2b) *yʰʰ kayena, yʰʰ mʰhsale tide ya'utha*

yʰʰ aka~da yʰʰ ~bʰsa-de ti-de ya'u-taha
 1SG parentes-PL 1SG 2PL-OBJ ANPH-OBJ falar/contar-IRR
 'Meus irmãos, eu vou contar para vocês essa [história].'

(2c) *o'õ aracapa saawa'ali ti.*

~o'o aracapa saa-wa'a-di ti
 DEIC.PROX aracapá fazer/ser.assim-ir-VIS.PFV.2/3 ANPH
 'Isso aconteceu em Aracapá.'

Em (2a), observamos um evidencial VISUAL *-di* afixado ao verbo serializado *saa-wa'a*, que, no contexto, significaria que algo 'se sucede de tal maneira'. Jacinto utiliza esse evidencial para falar do acontecido, ou seja, a história que será contada. É interessante notar aqui que a história não foi presenciada ou experienciada pelo falante, e, ainda assim, temos o uso do evidencial visual *-di*, em (2), quando ele fala sobre o ocorrido. Seguindo os modelos cognitivos sobre ponto de vista (KIERKEN *et al.*, 2016; JARQUE & PASCUAL, 2016), podemos também relacionar o uso deste evidencial à sinalização de ponto de vista. No momento da narrativa em que enuncia (2), o falante se projeta do Espaço Base para o Espaço Narrativo, como um Observador Virtual. Então, adota estrategicamente o ponto de vista de alguém que presenciou diretamente o que vai narrar, utilizando um evidencial VISUAL, mesmo que ele não tenha de fato testemunhado o evento enunciado. Como já apontado por Cezario (2019: 114), o uso do evidencial visual nesse contexto está relacionado à modalidade epistêmica, ou seja, o falante quer promover a história a um status de alta verdade.

Nos exemplos (3) e (4) abaixo, o falante também se projeta para o Espaço da Narrativa, ao se referir a si mesmo na época que a história ocorreu. Em (3), ele informa a idade que tinha na época e, em (4), comenta que era verão. Nos dois casos, utilizam-se evidenciais visuais, uma vez que fala sobre si mesmo na época em que a história teria ocorrido. Novamente, o falante se posiciona

na história, apesar de não a ter testemunhado, para dar maior valor de verdade à narrativa.

(3) *yɥ'ɥ tipede wa'mɥpɥta ihii 12 anos, yɥ'ɥ ihii*

yɥ'ɥ ti-pe-de ~wa'bɥ-pɥ-ta
 1SG ANPH-CLF:tempo/hora-OBJ rapaz-LOC-EMPH

ihii-ɥ 12 anos yɥ'ɥ ihii-ɥ
 COP-VIS.PFV.1 1SG COP-VIS.PFV.1

‘Eu, naquela época, era um rapaz, eu tinha 12 anos.’

(4) *tipenaha, kɥ'ma ihidi*

ti-pe--daha ~kɥ'ba ihii-di
 ANPH-CLF:tempo/hora-EMPH verão COP-VIS.PFV.2/3

‘Naquele tempo, era verão.’

Uma vez que a narrativa propriamente dita se inicia, temos a predominância do evidencial REPORTADO DISTANTE *-aye*, indicando que o ponto de vista é o do narrador no Espaço Base. Por mais que Jacinto seja quem narre a história, esta não foi uma história presenciada por ele, pelo contrário, foi uma história que lhe foi contada. Desse modo, temos o ponto de vista dessa “voz narrativa”, no Espaço Base, onisciente de toda história, indicada pelo evidencial REPORTADO. Vejamos os exemplos abaixo:

(5) *ti tɥkɥnogã pa'saduhkuaye bɥkɥdo*

ti tɥkɥ-do--ga pa'asa-duku-aye bɥkɥ-do
 ANPH enseada-SG-DIM boiar-ficar.em.pé-REP:DIST velho.M-SG

‘Esta pequena enseada, um velho estava boiando (sentado dentro da canoa).’

(6) *tinanaha ni'kano me'na yohaawa'ayenaha*

ti--da--daha ~di'ka-do ~be'da yoha-wa'a-aye--daha

ANPH-PL-EMPH acontecer-SG COM/INS subir.o.rio-ir-REP:DIST-EMPH

‘Os dois subiram o rio juntos.’

Como mencionamos anteriormente, *Krieken et al.* (2016, p. 148) afirmam que a distância conceptual entre o Espaço Base e o Espaço da Narrativa pode variar de uma história para a outra ou mesmo dentro de uma história. É possível notar que, no início da narrativa, a distância entre o Espaço Base e o Espaço da Narrativa está menor, pois o falante relaciona os dois espaços ao se posicionar na narrativa. Assim, o uso dos evidenciais visuais, em (2), (3) e (4), indica isso, pois o falante se projeta para o espaço da narrativa como Observador Virtual. Em (7) e (8), ocorre o contrário. O falante volta completamente ao Espaço Base, conversando com as pessoas que estão ali presentes:

(7) *musa masiaga tikudode*

~bus ~basí-ágá tí-kúdó-dé
á

2PL saber-PRES:INTER ANPH-SG-OBJ

‘Vocês conhecem bem esse velho.’

(8) *musa masiaga timale*

~bus ~basí-ágá tí-~báá-dé
á

2PL saber-PRES:INTER ANPH-igarapé-
OBJ

‘Vocês conhecem aquele igarapé.’

Nesses exemplos, o falante está se voltando para os interlocutores para comentar sobre um conhecimento compartilhado entre aquelas pessoas - o velho e o igarapé da história. O evidencial utilizado, portanto, é o PRESUMIDO INTERNALIZADO, pois esta é uma informação compartilhada com membros de

uma comunidade (CEZARIO, 2019: 93-96). Nesse momento, portanto, o discurso sai do Espaço da Narrativa e volta ao Espaço Base.

Conforme a narrativa se desenvolve, volta-se ao Espaço da Narrativa. No entanto, o ponto de vista predominante ainda é o do falante, indicado pelo evidencial REPORTADO *-aye*. O ponto de vista dos personagens é majoritariamente indicado pelo discurso direto, como podemos ver em (9a-d). Os evidenciais dos diálogos estão de acordo com a perspectiva dos personagens. Em (9a), (9b) e (9c), temos a ocorrência de evidenciais da categoria VISUAL.

(9a) “*yʉ' wa'ʉ niha*” *niayenaha*

<i>yʉ'</i>	<i>wa'á-gʉ</i>	<i>~dii-áhá</i>	<i>~dii-áyé</i>
<i>ʉ</i>			
1SG	ir- 1/2SGM	PROG-VIS.IPFV.1	dizer- REP:DIST

“Eu vou descendo agora” disse (o velho).’

(9b) “*aʉ, ke'nole*” *niaye*.

<i>áʉ</i>	<i>~ke'doá-dé</i>	<i>~dii-áyé</i>
si	ser.bom- VIS.IPFV.2/3	dizer- REP:DIST
m		

“Está bom” disse (o Curupira).’

(9c) “*yʉ' mʉ'ʉle tire si'nidʉ'ti nee yohataʉ*” *niaye*.

<i>yʉ'</i>	<i>~bʉ'ʉ-</i>	<i>tí-dé</i>	<i>~si'dí-duti</i>
<i>ʉ</i>	<i>de</i>		
1SG	2SG-OBJ	ANPH-OBJ	beber- mandar
	<i>neé-yoha-a'ta-ʉ</i>		<i>~dii-aye</i>
	pegar-subir.o.río-vir- VIS.PFV.1		dizer- REP:DIST

“Eu trouxe (aqui para cima) o Sr. para tomar bebida” disse (o Curupira).

(9d) “a#”, *nii, tidole ko'etikaã.*

a# ~dii tí-dó-dé ko'éti~kaá

si dize ANPH-SG-OBJ se.despedir(
m r ?)

““Está bom” disse (o velho), e se despediu dele.’

É interessante notar nos dados acima que, nos verbos *dicendi*, que fazem parte da fala do narrador, temos o evidencial REPORTADO DISTANTE *-aye*, que contrasta com os evidenciais do discurso dos personagens. Os dois pontos de vista - o dos personagens e o do falante/narrador -, portanto, se distinguem tanto pela estrutura de discurso direto, quanto pelos evidenciais que ocorrem nesses enunciados.

Um caso inesperado encontrado foi um evidencial INFERENCIAL na fala do narrador, que parece se referir ao ponto de vista de um dos personagens. Nesse momento da narrativa, Livino havia acabado de mandar o velho pai ir ao igarapé. O velho apenas diz “sim” em discurso direto, como podemos ver abaixo em (10), e depois, o narrador afirma que ele foi embora. No entanto, o evidencial utilizado na voz do narrador não é o REPORTADO DISTANTE *-aye*, como seria o esperado, e sim, um INFERENCIAL:

(10) “a#”, *nii tido buk#do wa'awa'adi ihidinaha*

a# ~dii ti-do buk#-do wa'a-wa'a-di ihi-di¹⁰-~daha
 sim dizer ANPH-SG velho-SG ir-ir-NMLZ COP-VIS.PFV.2/3-EMPH
 ““Sim,” dizendo, aquele velho foi embora (ver o igarapé).’

O INFERENCIAL, como visto anteriormente, indica que o falante teve um acesso visual aos resultados do evento declarado e não ao evento em si. Nesse caso,

¹⁰ Como apresentado na seção da metodologia, o evidencial INFERENCIAL é uma construção sintática que contém um evidencial visual em sua estrutura [verbo-*di*_{nmlz} [COP-VIS]]_{vp}. Logo, neste caso, o verbo semanticamente pleno é a serialização *wa'a-wa'a*, que é nominalizada pelo sufixo *-di* e seguida da cópula *ihi* com um evidencial VISUAL.

o evento é a ação de ‘ir’ - o velho foi (ver o igarapé) -; o narrador, entretanto, não teria como ter visto o resultado dessa ação, uma vez que ele não presenciou os eventos retratados na história.

É possível que um tipo de mescla entre o ponto de vista do narrador e de um dos personagens possa ocorrer em Wa’ikhana. Na narrativa *O pajé e o Curupira*, ao concordar em ir ver o igarapé, o velho vai embora, mas o seu filho Livino fica em casa e vê o resultado da sua ‘ida’ - provavelmente a ausência. O uso do evidencial INFERENCIAL, em (10), parece indicar, então, o ponto de vista de Livino e não do narrador, como esperado. Outros casos como este, no entanto, não foram encontrados nos dados analisados. Precisaríamos de mais ocorrências do tipo para confirmar se evidenciais de fato podem ser usados para indicar esse tipo de mescla de pontos de vista.

Considerações finais

Neste artigo, analisamos o papel dos evidenciais da língua Wa’ikhana para indicar diferentes pontos de vista em um trecho de uma narrativa oral. Como vimos, existem quatro categoriais de evidenciais na língua Wa’ikhana - VISUAL, PRESUMIDO, INFERENCIAL e REPORTADO -, que são obrigatórios em declarações do modo *realis*.

A análise mostrou que o uso dos evidenciais na narrativa está intimamente ligada ao ponto de vista que está em foco. Adaptando o modelo de Kierken *et al.* (2016) para análise de narrativas jornalísticas, vimos que no Espaço Base, ou seja, no ponto de vista do falante, os evidenciais estavam diretamente relacionados à perspectiva do falante/narrador. Com o ponto de vista na Base, ocorreram dois tipos de evidenciais: (i) o PRESUMIDO INTERNALIZADO, quando o foco também se mantém na Base, e o falante/narrador se dirige aos ouvintes no evento de fala, ou (ii) o REPORTADO DISTANTE, quando o foco se

dirige ao Espaço Narrativo, mas o falante/narrador mantém o seu próprio ponto de vista na Base. Com o ponto de vista no Espaço Narrativo, observou-se o uso da categoria VISUAL, quer para sinalizar o ponto de vista do narrador como observador virtual, quer para sinalizar o ponto de vista de um personagem reportado. Também ocorreu o evidencial INFERENCIAL, para indicar a mescla entre o ponto de vista do narrador e do personagem.

Este trabalho se propôs a ser um dos pioneiros a trabalhar com uma perspectiva cognitivista utilizando dados de uma língua da família Tukano Oriental. Há, ainda, muitas questões a serem investigadas sobre a relação entre ponto de vista em narrativas e os evidenciais nas línguas dessas famílias, incluindo na própria língua Wa'ikhana.

Analisamos aqui uma narrativa considerada tradicional, por ser uma história de Curupira. Tivemos, então, o uso frequente do evidencial REPORTADO DISTANTE, que indica que a informação declarada é de segunda mão. Em uma narrativa pessoal, os marcadores evidenciais na fala do narrador seriam diferentes. Por exemplo, numa narrativa pessoal, como a analisada no artigo de Stenzel & Cezario (2019), a maior parte dos evidenciais são visuais, pois o falante experienciou a história. Desse modo, uma análise sobre ponto de vista e evidenciais em uma narrativa pessoal provavelmente apresentaria resultados diferentes dos encontrados aqui, o que poderia gerar novas conclusões sobre a relação entre evidenciais e ponto de vista.

Anexo

Lista de Glosas

ANPH	anafórico	NMLZ	nominalizador
CLF	classificador	PFV	perfectivo
CONTR	contrastivo	PL	plural
COP	cópula	PRES	(evidencial) presumido
DIST	distal	PROG	progressivo
DUR	durativo	PROX	próximo
EMPH	ênfase	REP	(evidencial) reportado
INS	instrumental	SG	singular
IPFV	imperfectivo	VIS	(evidencial) visual
LOC	locativo	NEG	negação

Referências

AIKHENVALD, A. Y. *Evidentiality*. Nova York: Oxford University Press Inc., 2004.

CEZARIO, B. *A evidencialidade em Wa'ikhana (Tukano Oriental): uma proposta funcional-tipológica*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

CEZARIO, B.; BALYKOVA, K.; STENZEL, K. (2018). "Parece que" é uma construção: a categoria de inferência em Wa'ikhana (Tukano Oriental). In: *Revista Linguística*, v. 14, n. 1, p. 207-231.

DANCYGIER, B. *The language of stories: A cognitive approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G. Mappings in thought and language. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. & SWEETER. Cognitive links and domains: Basic aspects of mental space theory. In FAUCONNIER, G. & SWEETSER, E. (eds.), *Spaces, worlds, and grammar*, 1-28. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

JARQUE, M. J. & PASCUAL, E. Mixed viewpoints in factual and fictive discourse in Catalan Sign Language narratives. DANCYGIER, B.; LU, W.; VERHAGEN, A. (eds.). *Viewpoint and the Fabric of Meaning: Form and Use of Viewpoint Tools across Languages and Modalities*. Berlim/Boston: De Gruyter Mouton, 2016.

KRIEKEN, K. SANDERS, J. HOEKEN, H. Blended viewpoints, mediated witnesses: A cognitive linguistic approach to news narratives. DANCYGIER, B.; LU, W.; VERHAGEN, A. (eds.). *Viewpoint and the Fabric of Meaning: Form and Use of Viewpoint Tools across Languages and Modalities*. Berlim/Boston: De Gruyter Mouton, 2016.

LU, W. & VERHAGEN, A. Shifting viewpoints: How does that actually work across languages? An exercise in parallel text analysis. DANCYGIER, B.; LU, W.; VERHAGEN, A. (eds.). *Viewpoint and the Fabric of Meaning: Form and Use of Viewpoint Tools across Languages and Modalities*. Berlim/Boston: De Gruyter Mouton, 2016.

STENZEL, K. & CEZARIO, B. Wa'ikhana: *Wehsep̃ buude wehẽg̃ ehsamii emo sañodukug̃ t̃'osuã Fui à roça caçar a cutia. Ouvindo o grito do macaco guariba no mato, fui atrás*. In: *Revista Linguística*. Vol 1, 2019.

STENZEL, K. *A Reference Grammar of Kotiria (Wanano)*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2013.

STENZEL, K. & GOMEZ-IMBERT, E. Evidentiality in Tukanoan languages. In: AIKHENVALD, A. Y. (org.) *The Oxford Handbook of Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2018, pp. 357-387.

STENZEL, K. Evidentials and Clause Modality in Wanano. *Studies in Language*, v. 32, n. 2, 2008, p. 404-44.

WALTZ, N. E. *Diccionario Bilingüe - Piratapuyo-Español Español-Piratapuyo*. Bogotá: Editorial Fundación para el Desarrollo de los Pueblos Marginados, 2012.

Recebido em: 02 de abril de 2020.
Aprovado em: 27 de outubro de 2020.